

BARBOSA LIMA SOBRINHO NO SEU CENTENÁRIO

Odilon Nogueira de MATOS

Os cem anos de Barbosa Lima Sobrinho, merecidamente festejados por todas as entidades culturais do país, propiciaram-me o privilégio - realmente um privilégio! - de, pela terceira vez em minha vida ocupar-me de centenários de figuras ainda vivas e em plena atividade. Foram os outros dois o General Raul Silveira de Melo, ilustre militar e historiador, gaúcho de nascimento, mas que se dedicou quase a vida toda a estudos relativos à história matrogrossense, e o Coronel Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, meu preclaro confrade da Academia Campinense de Letras, por coincidência também gaúcho. A propósito deste, escrevi na ocasião que talvez fosse nossa Academia Campinense a única academia do mundo a ter um titular centenário. Hoje, esse privilégio é dividido com a Academia Brasileira, na pessoa de Barbosa Lima Sobrinho.

Muito se ocuparam os jornais da significativa ocorrência de 22 de janeiro, relatando, através de reportagens e entrevistas, os traços mais expressivos da vida e obra do ilustre acadêmico, presidente da Associação Brasileira de Imprensa.

Há pouco mais de um ano, tive o privilégio de dele receber delicada carta agradecendo a remessa de meu livro **O Brasil na "Brasiliana"**, por ele considerado "de grande utilidade para os leitores", tendo em vista, principalmente, que os livros da preciosa coleção encontram-se todos esgotados.

Além desse volume sobre a "Brasiliana", no qual me ocupei do pequeno, mas precioso livro de Barbosa Lima Sobrinho intitulado **O devassamento do Piauí** (1946), tive oportunidade de cuidar de diversas outras obras de interesse para os estudos históricos, de autoria do centenário escritor e acadêmico, especialmente **Presença de Alberto Torres**, de 1968, e, bem mais recente, a **Antologia do "Correio Braziliense"**, de 1979 e, também deste

mesmo ano, o prefácio à **Relação de uma missão no Rio São Francisco**, de Frei Martinho de Nantes, do qual Barbosa Lima já se havia ocupado em seu livro **Pernambuco e o São Francisco**, de 1929.

Apraz-me registrar que meu primeiro contato com a obra de Barbosa Lima Sobrinho foi através de seu livro **A verdade sobre a revolução de Outubro**, publicado em 1934 e considerado digno de reedição trinta anos depois. Nele se encontra uma das melhores análises da situação política do Brasil naquela fase tão importante de nossa evolução histórica.

As notícias relativas ao centenário do escritor pernambucano deram ênfase especial ao sentido nacionalista de sua obra e de sua atuação política. Um nacionalismo de que talvez se possa discordar em alguns pontos, mas de cuja sinceridade e sobretudo honestidade não se poderá duvidar. Foi esse mesmo nacionalismo que o levou a escrever o pequeno livro **Desde quando somos nacionalistas** (na coleção dos "Cadernos do Povo", da Civilização Brasileira, 1963). E, mais ainda, levou-o a tratar de Alberto Torres e de Hipólito da Costa. E se poderá recuar ainda mais: para ele, o nacionalismo começou com a expulsão dos homandeses no século XVII, tema de um dos seus primeiros estudos.

Na impossibilidade de abordar nesta nota toda a obra de Barbosa Lima Sobrinho, cuidarei particularmente de seus livros sobre o jornalista do "Correio Braziliense" e do pensador fluminense.

*

Constitui a **Antologia do "Correio Braziliense"** - belo volume de mais de 600 páginas, lançado pela Editora Cátedra, do Rio de Janeiro, 1979, verdadeiro complemento ao que já se havia escrito sobre Hipólito da Costa (1774-1823), notadamente ao livro de Carlos Rizzini, publicado vinte anos antes, **Hipólito da Costa e o "Correio Braziliense"**, volume 13 da série "Grande Formato", da coleção "Brasiliana".

Observa com toda a propriedade o ensaísta pernambucano que a ação do periódico de Hipólito representou um esforço de pioneirismo em prol da independência do Brasil. A começar pelo título: "Correio Braziliense". O gentílico usual era (e continua sendo) "brasileiro", que vinha da fase das primeiras explorações do território, para caracterizar os que se dedicavam ao comércio do "pau brasil" ou simplesmente "brasil" e acabou designando todos os que

vinham "fazer o Brasil". Mais tarde, surgiria o "brasiliano" (mais correto), mas Hipólito preferiu o "Braziliense" (com "z" em lugar de "s"), que adotou para distinguir os já nascidos no Brasil. Não há como deixar de ver, nessa distinção, uma afirmação de autonomia, separando duas regiões que eram ainda apresentadas como uma só.

Para Barbosa Lima Sobrinho o que mais surpreende no jornal de Hipólito é a extrema variedade de temas que o compõem e a extensão da cultura que neles revela seu redator. Hipólito da Costa "conhece e discute tudo" e mesmo em comparação com os periódicos que vão surgir no Brasil, "é o melhor informado de todos eles, o que melhor conhece e discute os problemas brasileiros".

E nessa preocupação de "discutir os problemas brasileiros" revela-se o traço mais acentuado do jornalista, qual o sentido nacionalista de seus interesses. Sei que não é fácil falar em nacionalismo quando nem havíamos feito ainda nossa emancipação política. Mas, aí é que está, ao que se deduz, o mérito maior de Hipólito. Torna-se ele como que um pioneiro do nacionalismo, ousado demais para a época. Tanto, que foi editar seu jornal na Inglaterra, o que dificilmente teria sido possível no Brasil. E esse nacionalismo - sabem-no todos - varou o século e meio que nos separa de sua época, cheio de altos e baixos, só se afirmando de uma maneira mais definida depois de 1930.

A **Antologia** organizada e publicada por Barbosa Lima Sobrinho revela toda a variedade de interesses dos temas tratados pelo jornalista em seu periódico de Londres, oferecendo-nos riquíssimo material, valioso, inclusive, para trabalhos de seminários nas universidades (particularmente nos cursos de jornalismo e de comunicações), com textos criteriosamente escolhidos, abrangendo a mais extensa gama de problemas de valia para o conhecimento daqueles tempos que assinalaram os primórdios de nossa vida independente.

Creio de justiça recordar que, em linha semelhante ao seu livro sobre Hipólito da Costa, publicou Barbosa Lima Sobrinho um volume dedicado a Silva Jardim, reunindo discursos, opúsculos e manifestos do ardoroso republicano. Edição da Universidade Federal Fluminense, 1973.

*

Apreciando a obra de Barbosa Lima Sobrinho sobre Alberto Torres, afirmo, creio que bem de propósito, que ela representou um

"redescobrimto" do pensador fluminense, acrescentando, ainda que talvez se pudesse mesmo falar num segundo redescobrimto.

Ao falecer em 1917, deixou Alberto Torres uma obra que bem lhe valeu a qualificação de ter sido seu autor um dos maiores pensadores políticos da República. Uma obra que ficou incompleta, suficiente, porém, para que se vislumbra, através dela, a segurança e a propriedade do pensamento do grande fluminense. Deixou discípulos que cuidaram de divulgar suas idéias: Oliveira Viana, Saboia Lima, Alcides Gentil... Tanto se interessaram pelo pensamento torreano que não demoraram a fundar uma "Sociedade dos Amigos de Alberto Torres", uma das mais sérias entidades culturais dedicadas a assuntos políticos surgidas em nosso país.

Mas, com todo esse esforço, sua obra, quinze anos após o falecimento do autor, já estava praticamente esquecida, com os volumes de 1914 totalmente esgotados, encontráveis apenas em bibliotecas privilegiadas. A revolução de 1930 ou, melhor, a verdadeira renascença cultural que dela resultou no sentido de um melhor conhecimento do Brasil, foi buscar no pensador fluminense uma fonte para a sua realização. E... redescobriu-se Alberto Torres. Alcides Gentil elaborou um precioso ideário do escritor; Cândido Mota Filho publicou excelente livro com o significativo título **Alberto Torres e o tema de nossa geração**, e, como se não bastasse, os seus dois livros mais importantes - **O Problema Nacional Brasileiro** e **A Organização Nacional** - foram reeditados na preciosa coleção "Brasiliana", então no seu início. Foi o primeiro redescobrimto.

Os que pretendiam salvar o Brasil, corrompido por quase quarenta anos de um regime viciado, como frequentemente se dizia, descobriram que o grande pensador fluminense poderia servir-lhes em muito. Daí, o novo interesse em torno de sua obra. Mas, pouco depois veio o "Estado Novo", época nada propícia a reflexões políticas, pela própria extinção de todos os partidos, veio a Segunda Guerra Mundial, que mudou substancialmente a maneira de pensar com relação a muita coisa e, durante pelo menos vinte anos, não se falou mais em Alberto Torres, que voltou ao mesmo esquecimento em que jazera na década de 20.

Foi depois desse segundo "eclipse" que surgiu o livro de Barbosa Lima Sobrinho, significativamente intitulado **Presença de Alberto Torres** (Civilização Brasileira, 1968), mostrando-nos que Torres, pela visão muito nítida dos problemas brasileiros, estava em condições de exercer a sua ação benéfica como um programa político superior a qualquer plano partidário. Seu livro valeu, assim, como já se disse, por um "novo redescobrimto" do autor fluminense.

O mais importante no caso, segundo se depreende, é considerar que os responsáveis pelas "descobertas" de Alberto Torres são homens de variadíssimas tendências ideológicas. O fato de um mesmo autor ser igualmente utilizado por correntes de pensamento diversas (e até opostas) afigura-se como a maior garantia do valor de sua obra. É porque nela, de fato, há qualquer coisa que transcende dos estreitos limites ideológicos e defende postulados que não podem deixar de interessar a quantos, quaisquer que sejam suas posições, se disponham a dedicar um minuto de reflexão em torno dos problemas brasileiros. É claro que não se poderá tomar hoje a obra torreana sem submetê-la à crítica do tempo. Mas isso não invalida a sua "presença" tão bem assinalada pelo centenário acadêmico, político e historiador em seu livro, inegavelmente o mais importante de sua rica produção.